

Possíveis representações de um conflito: Machado de Assis e a Guerra do Paraguai (1865-1870).

Tiago Gomes de Araújo *

Resumo: O artigo intitulado “As possíveis representações de um conflito: Machado de Assis e a Guerra do Paraguai (1865-1870)” indica alguns encaminhamentos analíticos para o conflito platino; que envolveu diretamente o Brasil, a Argentina e o Uruguai contra o Paraguai. A literatura machadiana (romance e contos) expõe figuras literárias que representam aspectos que divergem do projeto político imperial com relação à guerra. Enquanto o governo oitocentista brasileiro elaborou símbolos dedicados à exaltação patriótica, os personagens machadianos alistam-se para a luta por motivos que se afastavam das intenções oficiais.

Palavras-chave: 1) Guerra do Paraguai; 2) Machado de Assis; 3) representação social

Abstract: The following text, entitled “The possible social representations of a conflict: Machado de Assis and the Paraguay War (1865-1870)”, wants to find some analytic ways in interpreting this conflict; the Paraguay War involved, in a direct way, Brazil, Argentina, Uruguay and Paraguay. The work of the Brazilian writer Machado de Assis (novels and tales) shows some characters which represents some historic aspects that are not part of the political of the Brazilian Imperial Government for the war. Since Nix’s Brazilian government has created a serie of symbols dedicated for the patriotic effort of war, the Machado de Assis’s characters are in the war for reasons which are not the official ones.

Keywords: a) Paraguay War; b) Machado de Assis; c) social representations.

A intenção deste artigo é apresentar algumas possibilidades de interpretação da Guerra do Paraguai, conflito que envolveu Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai entre 1865 e 1870, elegendo dois eixos reflexivos: o primeiro é o uso do conceito de representação social como norte para a análise das experiências vivenciadas no passado. O segundo, pretende apresentar a literatura machadiana como fonte de pesquisa para o estudo histórico do conflito platino, uma vez que em alguns de seus escritos (romance e contos) Machado de Assis questiona a necessidade do embate entre Brasil e Paraguai.

Nosso interesse reforça-se em torno do entendimento que as fontes literárias utilizadas por historiadores podem ser tratadas como representações sociais de uma época. Ao elaborar sua narrativa literária, o escritor revela apreensões do momento/acontecimento vivido, convertendo sua literatura em fonte que gera sentidos (representações) e que nos auxilia na interpretação das relações sociais construídas nos instantes passados.

A pretensão deste exercício analítico deve considerar duas linhas interpretativas relacionadas aos escritos de Machado de Assis que elegem a Guerra do Paraguai enquanto

* Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília – UnB (2005). Doutorando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília – UnB (2008-).

tema, e as possíveis representações que resultam das observações realizadas pelo *Bruxo do Cosme Velho* enquanto indivíduo norteado por sua própria época.

A primeira linha interpretativa procura ressaltar a importância da literatura enquanto fonte histórica. O segundo espaço aberto para o entendimento do tema aqui proposto reforça a ideia que o conceito de representação molda-se enquanto sistema de classificação e percepção, mas também como matriz das práticas sociais, colaborando para gerar evidências de sentidos e de atributos que porventura possam compor o mundo social (CHARTIER, 2002).

Dentre os escritos machadianos que abordam os embates entre Brasil e Paraguai (1865-1870) selecionamos o romance *Iaiá Garcia* (MACHADO DE ASSIS, 1997), publicado em 1878, e três contos disponibilizados ao público leitor em momentos distintos, são eles: *Troca de Datas* (COUTINHO, 1986: 934-942), *Uma Noite* (COUTINHO, 1986: 1097-1102) e *Um capitão de voluntários* (COUTINHO, 1986: 685-694).

Nestes escritos, Machado de Assis elaborou figuras e personagens literárias que acabaram por preconizar atitudes diferenciadas com relação ao alistamento de voluntários dispostos a jogarem suas sortes nos campos de batalha paraguaios, na defesa “honrosa” da nação brasileira que se encontrava com o “orgulho” perdido diante do “ultraje” paraguaio.

Estes personagens vinculam, necessariamente, suas idas ao *front* a questões de cunho pessoal, seja um amor não correspondido, uma dívida financeira contraída, o desejo ardente de novas emoções ou até mesmo em busca da cura de um coração traído. Esta caricatura social incita uma fértil discussão sobre o caráter da eficácia política do alistamento/recrutamento de indivíduos para a Guerra do Paraguai.

Machado de Assis, enquanto literato, não deve ser deslocado do quadro social brasileiro do século XIX, mesmo porque, transformou reações e sentimentos mundanos em figuras capazes de abstrair a realidade que o cercava. Não deve ser gratuita, portanto, a criação de alegorias literárias que indagaram ou até mesmo utilizaram a guerra como espaço de fuga/tratamento de suas próprias crises, questionando assim, o suposto teor ufanista do conflito.

Nesta medida, estamos operando com a multifacetada fronteira entre história e literatura, campo extremamente fértil onde se entrecruzam o fazer histórico e o discurso literário, espaço de fornecimento de pontos de vista carregados de sentidos, contribuindo para um melhor entendimento do cenário histórico.

Nossas reflexões sobre as relações entre a história e a literatura consideram os textos literários como fatos históricos e, ao mesmo tempo, representações da própria história. Assim,

não é possível aludir aos textos literários sem levar em conta o contexto histórico em que eles se encaixam e a partir do qual ganham significados.

Se o texto histórico tenta produzir uma versão convincente e próxima o mais possível do acontecido, o texto literário não deixa de levar em conta essa aproximação. Embora a trama seja, em si, criação absoluta do autor, ela busca atingir este efeito de apresentar uma versão também plausível e coesa (PESAVENTO, 1999).

Este debate torna-se pertinente na medida em que estamos trabalhando diretamente com dois patamares discursivos. Sendo assim, acreditamos que história e literatura são duas versões de uma série de eventos que podem ser imaginados, não havendo razão para o historiador invocar para si a autoridade de oferecer a explicação verdadeira do que aconteceu. Mesmo porque, o tempo se torna humano na articulação com um modo narrativo, onde relato parece alcançar sua plena significação, tornando-se assim uma condição da própria existência temporal humana (LIMA, 1998).

Para Benedito Nunes (NUNES, 1988), por exemplo, os fatos históricos são recompostos com base no testemunho documental, datados e distintos qualitativamente como fatos humanos, evidenciando as ações uma vez transcorridas e articuladas em forma narrativa.

Enquanto historiadores não podemos desconsiderar a especificidade de nossa prática (CERTEAU, 2006) e muito menos menosprezar a importância do discurso literário simplesmente em nome de um viés pretensamente científico. Um encaminhamento razoável seria a utilização das duas formas entrelaçadas (feitas as ressalvas e as cautelas), construindo uma interpretação acerca da realidade social que abarque múltiplos modos de pensar e agir.

Nossa preocupação se faz a partir do entendimento que a literatura deve ser encarada com rica fonte de emoldurações simbólicas e de construtos representacionais, elementos que sem dúvida colaboram para o desvendamento das experiências vividas no passado.

Neste instante, apresentaremos os escritos machadianos (romance e contos) como possibilidades interpretativas do conflito platino, compreendendo que a narrativa analisada a seguir apresenta as apreensões que um indivíduo gera de sua própria época, criando representações que incitam entendimentos históricos.

No romance *Iaiá Garcia* (MACHADO DE ASSIS, 1997), publicado primeiramente em 1878, Machado já sinaliza algumas características satíricas que irão marcar seu estilo posterior. O autor deixa transparecer, nessa narrativa um desencanto com os mecanismos políticos contemporâneos, olhando mais do que nunca com perspicácia e implacabilidade o mundo que o cercava (SCHWARZ, 2000).

A narrativa de *Iaiá Garcia* foca-se principalmente na preocupação de Valéria (mãe de Jorge), em separar seu filho de um amor infrutífero, ilustrado na figura de Estela (uma agregada da família, portanto, união considerada um passo em falso). Valéria clama pelo socorro do Sr. Luís Garcia para a solução de tão grave incidente, pois o mesmo, era grande amigo do ex-marido de Valéria e, por isso gozava de excelente trânsito na família, sendo o grande indicado para convencer Jorge do caráter malfadado de seu amor. Valéria encontra um eficaz subterfúgio para malograr os sentimentos de seu filho, irá mandá-lo, então, ao Paraguai, lugar onde se exalta o patriotismo e luta-se pelos negócios do país. Mas, como sabemos, o motivo é outro e bem mais urgente que a nação brasileira. Luís Garcia teme que Jorge desperdice sua juventude nos campos de batalha paraguaios, colocando fim a uma promissora carreira jurídica.

Machado de Assis, por meio de seus personagens, fornece representações da guerra do Paraguai que divergem da política imperial brasileira deste momento. Ou seja, o conflito deveria ser utilizado como espaço para a construção/fortalecimento da identidade nacional brasileira, criando imagens e símbolos que pudessem agregar os brasileiros de todas as províncias em nome de uma causa única e coesa, mantendo a unidade do Império baseada na Monarquia enquanto sistema e na figura do imperador como representante máximo da nação.

Para Chartier (CHARTIER, 2002) a representação pode ser vista como a exibição de uma presença, *a apresentação pública de uma coisa ou pessoa*, instrumento que proporciona a elaboração de evidências que podem estar ausentes ou mesmo até mesmo intencionalmente ocultas. O historiador ao selecionar o conceito de representação, enquanto lente analítica, deve considerar os construtos representacionais como símbolos subjetivos de uma sociedade, fator que nos instiga ao desvendamento que conduziu a elaboração de determinadas maneiras e formas de se ler o mundo enquanto representação .

Neste sentido, a literatura machadiana exibe uma presença ao apresentar personagens que vão ao campo de batalha por motivos que são primordialmente pessoais, mas também indicam uma ausência, pois se nos remetermos ao cenário político e oficial da época o alistamento para o conflito só ocorria se vinculado a pretextos patrióticos.

Apesar de Luís Garcia não ter obtido resposta da viúva Valéria, Jorge irá clamar por seu auxílio junto a sua mãe, para que a mesma possa desistir em indicar seu nome como voluntário de guerra. Neste momento, Jorge finalmente revela o “real” motivo pelo qual sua progenitora insiste constantemente em seu alistamento: “o senhor é amigo velho de nossa casa, disse ele, posso confiar-lhe tudo. Mamãe quer mandar-me para a guerra, porque não pode impedir os movimentos de meu coração” (MACHADO DE ASSIS, 1997: 17)

Os esforços de Jorge em fazer sua mãe desistir desta idéia não foram eficazes. Este personagem, no entanto, procurará utilizar sua ida ao Paraguai a seu próprio favor, como elemento de vingança contra a mãe, pois se morrer em batalha sua mãe sentirá remorsos em ter insistido na ida do filho à guerra.

Jorge acredita que tomando drástica atitude, conquistará definitivamente o amor de Estela, dando-lhe a mais cabal prova de seu sentimento. Luís Garcia, no entanto, acha que o alistamento deve ser motivado por questões necessariamente de cunho patriótico: “não se atire de cabeça para baixo numa aventura sem fundo. Ir para a guerra é muito nobre, mas há de ser levado de outros sentimentos. Um desastre por motivo de namoro, não é o Porto Alegre nem o Polidoro, é um padre que lhe deve pôr termo” (MACHADO DE ASSIS, 1997: 17).

O decreto imperial nº 3371, de 7 de janeiro de 1865, invocando todas as províncias brasileiras a fornecerem contingente bélico auxiliou significativamente na constituição de um quadro humano de reserva para o conflito. Assim, Os “Voluntários da Pátria” e a Guarda Nacional concorreram com mais de cem Corpos de Infantaria e Cavalaria, orçando cerca de 75% do efetivo das armas brasileiras, lutando em sua maioria em batalhões de infantaria (DUARTE, 1981).

Para contrastar com a política imperial, observamos no romance machadiano, o vínculo do alistamento de Jorge a um pretexto individual, que acaba ironicamente por redundar numa ação patriótica e quando ele lha recusou, recorreu à Guerra do Paraguai: “assim foi que de um incidente, comparativamente mínimo, resultara aquele desfecho grave, e de um caso doméstico saíra uma ação patriótica” (MACHADO DE ASSIS, 1997:33).

No diálogo de despedida com Estela antes de sua viagem para o *front*, o voluntário Jorge deixa explícita, uma vez mais, a causa primeira que o levava à guerra, esperando a reciprocidade e a cumplicidade de sua amante: “não é o patriotismo que me leva, é o amor que lhe tenho, amor grande e sincero, que ninguém poderá arrancar-me do coração. Se morrer, a senhora será o meu último pensamento; se viver, não quero outra glória que não seja a de me sentir amado (MACHADO DE ASSIS, 1997: 35).

Machado de Assis representa a guerra como ambiente de tratamento para as questões pessoais, e, ironicamente transforma seu personagem em modelo patriótico a ser seguido, questionando por meio de sua literatura a eficácia do evento guerra enquanto instante obrigatório e essencial de construção de comportamentos identitários, que pudessem proporcionar a elaboração de idéias de nação baseadas na unidade e na coesão sociais.

Com a análise de algumas passagens de Iaiá Garcia que se mostraram significativas para nosso estudo, procuramos enaltecer aspectos importantes para a compreensão do evento

Guerra do Paraguai, bem como reforçar a idéia das motivações circunstanciais que levaram alguns personagens machadianos para o *front*, pessoas que procuram uma saída eficiente para seus problemas de cunho privado. Na medida em que a literatura se baseia na realidade apresentada para moldar seu esquema narrativo, acreditamos também que Machado pode ter personificado em suas criações, alguns casos onde o patriotismo foi utilizado como subterfúgio para a solução de emaranhados pessoais e por isso de difícil e complicada reversão.

John Gledson, importante crítico inglês da obra machadiana, enxerga em *Iaiá Garcia* três correntes distintas de argumentação: (a) não observa elementos concretos na obra de Machado que nos conduzam aos verdadeiros motivos de alguns alistamentos; (b) percebe em *Iaiá Garcia*, a idéia da guerra funciona como precipitador de mudanças, para pior, na sociedade brasileira; e (c) uma visão mais pessimista da guerra, considerada com uma necessidade do homem de lutar: “o irremediável conflito das cousas humanas” (GLEDSON, 1999).

Pelo caráter deste artigo, tendemos a discordar da primeira argumentação de John Gledson, que não vê elementos concretos na obra de Machado que nos conduzam aos verdadeiros motivos do alistamento, pois os trechos que exemplificamos aqui parecem clarificar a natureza circunstancial do alistamento. Os indivíduos foram e se utilizaram do *front* como espaço de solução de problemas motivados por questões circunstanciais e que não se originaram necessariamente a partir do desejo em defender o país numa guerra.

Além de *Iaiá Garcia*, Machado de Assis representa a guerra enquanto momento de defesa/desenvolvimento de interesses estritamente pessoais em três contos, todos publicados após a guerra. O primeiro conto a tratar desta temática foi *Troca de Datas*, publicado em *A Estação* em maio/julho de 1883, onde o autor indica a decisão do indivíduo em abandonar sua mulher e se alistar para a guerra (os grifos são meus):

A história de *Troca de Datas* refere-se a Eusébio, rapaz de temperamento “ardente”, apesar de casado e por questões de família com a bela e virtuosa Cirila. Para o personagem, infelizmente, ela não é apenas bela e virtuosa, mas também chata uma das muitas variações criadas por Machado sobre a mulher submissa, apática e caseira. Inevitavelmente, Eusébio a abandona pela “certa dama” referida no parágrafo anterior, a uruguaia Rosita: “chamava-se Rosita; e era oriental. Eusébio assinou com essa representante da república vizinha um tratado de perpétua aliança que durou dois meses” (COUTINHO, 1986: 936).

Pouco depois, Eusébio vai à guerra e volta com Dolores, “um belo tipo de argentina”, com quem, depois de um período de amor violento, vive uma fase de brigas não menos

violentas. Depois de passar de uma mulher para outra, finalmente, com certa inevitabilidade irônica, volta para os braços da caseira Cirila, que o havia esperado com uma resignação estupidificada durante anos, e então se estabiliza num casamento feliz.

O aparente assunto do conto é anunciado no título: *Troca de Datas*, o casamento era ideal, mas ocorreu com dezessete anos de antecedência (em 1862 e não em 1879, data do regresso de Eusébio). Nada podia ser mais nitidamente irônico, e Machado colocou a ironia na boca do “rude filósofo” tio João: “ao vê-los agora tão unidos confirmou dentro de si mesmo a observação que fizera uma vez, mas modificando-a por este modo: - Não eram as naturezas que eram opostas, as datas é que se não ajustavam”. O marido de Cirila é este Eusébio dos quarenta, não o outro. Enquanto quisermos combinar datas contrárias, perdemos o tempo; mas o tempo andou e combinou tudo (COUTINHO, 1986: 942).

Há várias indicações de que um dos objetivos do conto é precisamente explicar, senão recontar, a história da guerra. A mais evidente delas surge na segunda frase: “representante da república vizinha”, que se refere à uruguaia Rosita. O envolvimento do Brasil nos “negócios” do Uruguai foi um dos ensejos mais importantes da guerra, a metáfora (a uruguaia Rosita) pode ser assim compreendida: o Brasil, embora não tivesse interesses permanentes na região do rio da Prata, deixou-se envolver, por meio de intromissões por vezes desnecessárias, numa guerra em que não pareceu desempenhar nenhum papel legítimo.

Ainda em relação à metáfora da “aliança”, podemos ver que isso leva, por sua vez, a união com a Argentina (representada por Dolores), mulher que na trama possui comportamento artificial e ao mesmo tempo tempestuoso. Devemos mencionar também um curioso aparte: um homem de negócios inglês, que não apareceu na história, até aqui, desaparecendo logo depois, comenta que os rumos da guerra são ditados por “sistemas”. Cremos que isso possa ser explicado, uma vez mais, como metáfora machadiana: os interesses comerciais dos ingleses mantêm-se a uma distância confortável, contentando-se em recolher os lucros.

Eusébio é ferido durante a guerra, sendo obrigado a retornar ao Rio de Janeiro para tratar-se. Entretanto, impelido por outras questões de grande importância (as amantes), retorna do campo de batalha donde recebe várias condecorações, sendo elevado ao posto de major, objeto de glórias e aclamações em sua volta incólume à capital do Império.

Em *Troca de Datas* há uma combinação de temas identificados também em as *Iaiá Garcia*: (a) uma crítica das razões não-patrióticas e puramente pessoais dos que vão à guerra e, (b) um juízo histórico sobre ela (crítica), embora se concentre menos nas conseqüências

internas, do que nos motivos externos que o autor julgava caprichosos e imprudentes. Para Machado de Assis, os atos do país refletiam os da classe dominante.

Com frequência, Machado adota uma atitude simplesmente sarcástica em relação à guerra, em especial quanto aos que a experimentam à distância, felizes por se entregarem ao patriotismo circunstancial e de interesse.

Troca de Datas, Uma Noite e Um Capitão de Voluntários aludem à guerra do Paraguai questionando os motivos sempre discutíveis pelos quais um “herói” se alista: “de um caso doméstico sai uma ação patriótica”. Dos contos analisados anteriormente, nenhum parece tão notável ou mesmo misterioso como *Uma Noite* (COUTINHO, 1986: 1097-1102) publicado pela primeira vez na *Revista Brasileira* em dezembro de 1895.

A trama deste conto se passa no próprio cenário da guerra. Dois oficiais: Isidoro e Martinho estão conversando sobre as razões que os levaram a se alistar e Isidoro narra uma longa história sobre algo que, evidentemente, lhe incomoda a consciência. Refere-se ao seu “amor” (embora deixe bem claro que algumas das emoções que sente são mais físicas) por uma jovem viúva.

Camila, que foi morar próxima a família de Isidoro, mulher que estava claramente apaixonada por Isidoro, mas temia casar-se com ele devido à sua inferioridade econômica. A mãe de Camila tornaria uma “agregada incômoda” da família por não aceitar o romance do casal. Um dia, há um súbito alarme. Isidoro espera que a mãe incômoda tenha morrido, mas, para seu espanto, descobre que Camila ficou louca – mais exatamente teve um acesso – e quando chega junto dela, ela lhe morde a mão. Isidoro a deixa e então, quatro anos depois, volta a encontrá-la, exercendo a profissão de atriz.

Após certa hesitação, Isidoro aceita o convite de ir aos aposentos de Camila depois de acompanhá-la até em casa. Ela parece não se lembrar do acesso que teve, mas ele a vê como uma “aleijada do espírito, uma convalescente da loucura”. Julga que esteja tentando seduzi-lo ou talvez recuperar o passado: “Quanto mais olhava para ela, mais sentia que era uma aleijada do espírito, uma convalescente da loucura. A minha repugnância crescia, a pena também; ela fitando-me os olhos que já não sabiam rir, segurou-me a mão com ambas as suas” (COUTINHO, 1986: 1102).

Nesse ponto da narração Isidoro é morto por uma bala paraguaia perdida. Magalhães Júnior analisa esta última frase como indicadora de que Isidoro foi embora, levantando-se e saindo (MAGALHÃES JUNIOR, 1955). No entanto, existe uma diferença sutil em Machado da qual depende todo o sentido do conto.

Se Isidoro vai embora o que acontece em *Uma Noite*, que afligia sua consciência a ponto de fazê-lo se alistar? O enredo da história é truncado demais para permitir ao leitor que se aperceba da vitória dos instintos de Isidoro e a possível sedução de Camila mesmo com resultados desastrosos. A forma concisa como Machado intitula este conto acaba por deixar o desenlace à própria imaginação do leitor.

Em *Uma Noite* o caráter circunstancial do alistamento de voluntários de guerra é novamente reiterado, a fuga de um amor mal resolvido impulsiona as ações de Isidoro e o conduz aos campos de batalha paraguaios. Por meio desta construção narrativa, Machado indaga sobre o teor e a necessidade do conflito, observando-a também como ambiente de aquisição de melhorias estritamente pessoais para aqueles que iriam lutar pelo Brasil.

O último dos três contos machadianos em que a guerra funciona como motivo da narrativa é: *Um capitão de voluntários* (COUTINHO, 1986: 685-694), publicado em *Relíquias de Casa Velha* (1906), onde o conflito não parece trazer consigo ricos sentidos alegóricos, mas representar um pretexto para que Emílio se aliste como voluntário, mostrando sua pretensa bravura, que se vê abalada pela traição amorosa de sua mulher, com quem vivia e estava casado há vinte anos.

Neste caso, Emílio parte para o campo da batalha a despeito de não acreditar na guerra. Não se trata de dois sentimentos (descrença e traição) que “coincidem”, mas de um que se sobrepõe sobre o outro. Antes da decisão de ir ao *front*, ele argumenta que o Brasil deveria ter apoiado o Paraguai: “Ora porque não! E depois, a guerra do Paraguai, não digo que não seja todas as guerras, mas, palavra, não me entusiasma. A princípio sim, quando o López tomou o Marquês de Olinda, fiquei indignado; logo depois perdi a impressão, e agora, francamente, acho que tínhamos feito melhor se nos aliássemos ao López contra os argentinos” (COUTINHO, p.688).

A opinião de Machado sobre a guerra, na medida em que é possível reconstruí-la, mostra-se coerente e ao mesmo tempo abrangente. Ele a encara como uma disputa cruel, violenta e estúpida; como uma fusão de interesses e da situação do Brasil e do Paraguai (que inclui a compreensão de que as nações, bem como os indivíduos, podem agir contra seus próprios interesses).

Intrigante ainda é se deparar com as alegorias machadianas que permeiam seus personagens guerreiros com as glórias do heroísmo, virtude fluída e discutível, pois se constrói a partir de uma ação circunstancial, sendo consequência dos atos desses personagens que lutaram com bravura, não pela pátria, mas para solucionar as inquietações nas quais foram acometidos.

Assim, há um questionamento claro do teor e do corpo da nação brasileira, que não parecia (para Machado de Assis) ter adeptos fiéis e cúmplices sinceros, mas sim, amantes temporários e indivíduos dispostos a traírem a pátria em nome de seus interesses privados. Essa se mostrou ser a original e complexa opinião de Machado de Assis, e que nos ocupou com um esforço de desvendamento e compreensão.

Referências Bibliográficas

- CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia. Entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidades/ UFRGS, 2002.
- DUARTE, Paulo de Queiroz. **Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai**. v. 1. Rio de Janeiro: Bibliex, 1981.
- GLEDSON, John. A Guerra do Paraguai em outras obras de Machado de Assis. In: **Machado de Assis: Impostura e realismo**. São Paulo, Cia das Letras, 1999.
- JUNIOR, Raimundo Magalhães. **Machado de Assis desconhecido**. Rio de Janeiro/São Paulo/Bahia: Civilização Brasileira, 1955.
- LIMA, Luiz Costa. Clio em Questão: A narrativa na escrita da História. In: RIEDEL, Dirce Côrtes (org.). **Narrativa ficção e História**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Contos. In: COUTINHO, Afrânio (org.). **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1986.
- _____. **Iaiá Garcia**. São Paulo: Globo, 1997.
- NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. *Fronteiras da ficção: diálogos da História com a Literatura*. In: **História: Fronteiras**, XX Simpósio Nacional da ANPUH. São Paulo: Humanistas, FFCHL/SP, ANPUH, 1999.
- SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.